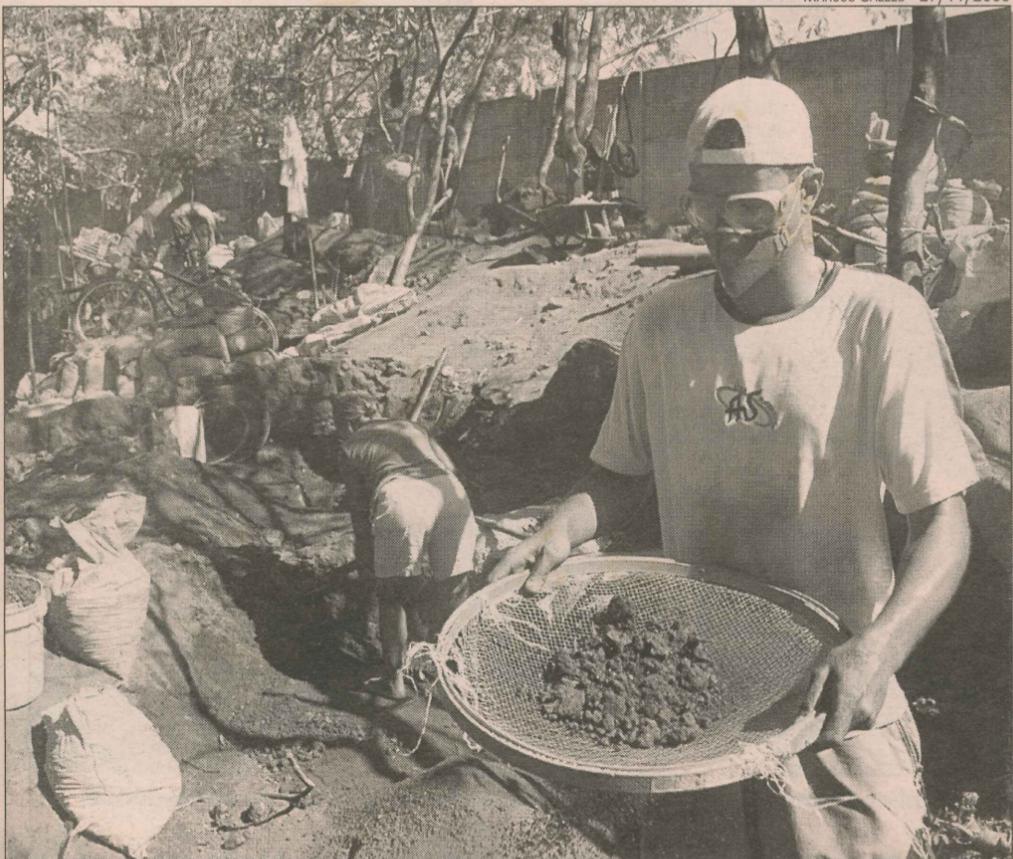


## CIDADES

MARCOS SALLES - 27/11/2003

FABIO NUNES/AT



Cerca de 200 pessoas viviam do dinheiro da venda do ferro-gusa. Agora os garimpeiros não podem mais trabalhar no antigo depósito da Vale

# Fim do garimpo em Cariacica

*Garimpeiros que retiravam ferro-gusa em Sotema foram obrigados a deixar o local*

**H**omens e mulheres que viviam da venda de ferro-gusa, extraído de uma área vizinha ao antigo depósito da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), em Sotema, Cariacica, foram obrigados a deixar o local.

Depois de vistoriar a área, o Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema) pediu à Vale que elaborasse um plano de recuperação do terreno, que fica ao lado do manguezal.

Trata-se de uma faixa de terra de 500 metros de extensão, aterrada com resíduos de ferro-gusa, na década de 80, depois que o depósito da Vale deixou de funcionar.

Há cerca de dois anos, os garimpeiros, como são chamados os catadores, passaram a cavar buracos para encontrar o ferro,

o "ouro negro", e revender, conforme **A Tribuna** divulgou com exclusividade em novembro passado. Até o início deste ano, calcula-se que mais de 200 pessoas estivessem trabalhando no garimpo.

Após a solicitação do Iema, a Vale informou que não poderia recuperar a área porque havia pessoas ocupando o local. Um muro de alvenaria que existia entre o terreno do antigo depósito e o mangue caiu por causa da chuva e os garimpeiros avançaram sobre a área da empresa.

"Entramos com uma ação de reintegração de posse, mas não precisamos cumpri-la", disse o gerente do Departamento Jurídico da Vale, Antônio Carlos Franco.

Segundo ele, apesar de o juiz ter entendido que a área pertence

ce à CVRD, os garimpeiros começaram a sair do local na última sexta-feira, após uma conversa com representantes da Prefeitura de Cariacica, que foram avisar os trabalhadores sobre a ação, antes que os oficiais de Justiça comparecessem ao local.

Outra motivação para a desocupação da área é o projeto de construção de uma pista ligando Sotema a Itacibá. Além disso, de acordo com o secretário de Meio Ambiente de Cariacica, Renan De Nardi De Crignis, o trabalho no garimpo estaria degradando o mangue, que é um ambiente auto-sustentável e fonte de renda para outras famílias.

"Agora, não tenho onde trabalhar. Sou motorista e estou desempregado há um ano e meio. Meu sustento e da minha família vinha do garimpo", contou o garimpeiro Mário Lúcio Glassner, 37, lembrando vendia o quilo do ferro moído a R\$ 0,05, e o quilo dos pedaços maiores, R\$ 0,08.

Uma reunião entre garimpeiros e prefeitura está marcada para hoje, às 14 horas, a fim de buscar soluções para resolver o problema das famílias, que estão desempregadas.

## FIQUE POR DENTRO

### O GARIMPO

Ocupava uma faixa de terra de cerca de 500 metros, ao lado do muro do antigo depósito de ferro-gusa da Companhia Vale do Rio Doce, desativado na década de 80.

Na época, os resíduos, que hoje estão misturados à terra, foram usados para aterrar a área. O gusa é um estágio do ferro que passou por um processo industrial para fabricação do aço.

Com as chuvas do início do ano, o muro caiu e os garimpeiros avançaram sobre a área da empresa.

### EXTRAÇÃO

Para extrair o ferro-gusa, misturado à terra, os cerca de 400 garimpeiros cavavam



buracos de até 3 metros de profundidade. Cada trabalhador ou família tem local determinado para cavar.

### PENEIRAMENTO

Depois de retirar a terra, os trabalhadores usavam peneiras grossas e finas para garimpar os resíduos de ferro-gusa. O material era, posteriormente, colocado em sacos de 25 quilos.

### VENDA

Os sacos eram levados em carros de mão para a entrada do garimpo, onde ficavam estacionados os caminhões dos compradores. A venda era efetuada após a pesagem em uma balança.

O quilo do ferro moído custava cerca de R\$ 0,05 e do gusa, R\$ 0,08.

Fonte: Garimpeiros e Companhia Vale do Rio Doce